

Perfil biográfico
Pe. André Prévot, scj
(1840 – 1913)



*“É preciso fazer transbordar
a caridade”*



A devoção ao Sagrado Coração e o espírito de reparação são traços característicos da corrente de espiritualidade vitimal do século XIX. P. Leão André Prévot, dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, é um dos representantes ainda pouco conhecidos dessa espiritualidade. O terceiro teólogo consultor da *Positio super introductione causae* escreveu no seu voto: "O ideal de Prévot foi o de ser vítima voluntária, consagrada ao amor do Sagrado Coração e à reparação. Ora, estando à disposição os testemunhos e as provas documentais, é possível dizer que o Servo de Deus realizou plenamente seu ideal". Da mesma maneira, escreveu também o primeiro teólogo censor dos seus escritos: "O Servo de Deus André Prévot foi uma alma excepcional, que viveu sempre na oração, no escondimento, na aceitação cotidiana de seus sofrimentos físicos e morais, tudo tendendo ao ideal da imolação".

O Servo de Deus Leão Prévot (cujo nome religioso era P. André) nasceu aos 9 de novembro de 1840, em La Teil (Ardèche, diocese de Viviers no sul da França), numa família de comerciantes de sólida fé cristã. Foi batizado aos 10 de novembro. Fez sua primeira comunhão aos 17 de março de 1850 e recebeu a crisma em 1º de abril do mesmo ano.

Atraído pela vocação ao sacerdócio, entrou, aos 12 anos, em Aubenas, no seminário menor, dirigido pelos Padres Basilianos, dando sinais de uma rica personalidade e de um vivo fervor espiritual. Tendo passado ao seminário maior de Viviers, encontrou ali, como professor e, em seguida, como superior, o sulpiciano P. Emílio Roux, que exerceria uma influência decisiva na orientação futura de Prévot através da proximidade que P. Roux viria a ter com a fundadora das Irmãs Vítimas do Sagrado Coração, madre Verônica Lioger.

Durante o curso de teologia, Leão Prévot sentiu a vocação religiosa, pela qual entrou no noviciado dos jesuítas, em Aix-en-Provence, aos 15 de outubro de 1860. Mas ele procurava um estilo de vida mais austero, o que se revelaria sempre mais exigente à medida que entrasse na sua verdadeira "via", aquela de Padre-Vítima do Sagrado Coração. P. Lázaro Gervais, seu mais íntimo amigo, escreveria a seu respeito: "Ele procurava o seu caminho com grande abnegação e abandono cego à divina Providência". Deixando o noviciado dos jesuítas, o Servo de Deus permaneceu em Aix-en-Provence, como preceptor para famílias distintas, enquanto completava também sua preparação para o sacerdócio, em acordo com D. Chalandon, de quem receberia a ordenação sacerdotal aos 10 de junho de 1865. Ainda em Aix, iniciou seu ministério sacerdotal, primeiro como capelão das Irmãs Ursulinas e em seguida como pároco em Port-le-Bouc, próximo à foz do rio Ródano. Seu zelo sacerdotal foi tamanho que o povo começou a dizer que tinha encontrado nele "um novo Cura d'Ars".

Através de seu antigo professor, P. Emílio Roux, e do amigo Emílio Gervais, em junho de 1876, encontrou madre Verônica em Les Avenières (diocese de Grenoble). Com o consentimento de seu bispo, P. Prévot começou, então, seu caminho para a vida religiosa. Primeiro, participou da iniciativa de madre Verônica de estender seu projeto de "espiritualidade vitimal" a uma comunidade de "Padres Vítimas". Em seguida, não podendo se realizar nessa iniciativa, em maio de 1885, entrou na Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, fundada pelo Servo de Deus, P. Leão Dehon. Aos 22 de setembro de 1885, fez sua profissão religiosa, em S. Quintino (diocese de Soissons). No ano seguinte, graças à sua grande maturidade espiritual, foi escolhido pelo Fundador como superior e mestre de noviços do noviciado internacional de Sittard (Diocese de Roermond), na Holanda, e depois nas outras sedes para as quais se transferiria o noviciado. Desenvolveu um papel de grande importância na vida e na história da Congregação, que o próprio Fundador não hesitou a declarar, numa carta de 21 de março de 1923: "P. Prévot foi, mais que eu, fundador da nossa Congregação". Nos 22 anos de sua missão como formador das primeiras gerações de dehonianos, P. André teve aproximadamente 600 noviços nos quais,

através de sua doutrina e seu exemplo de vida, deixou traços indeléveis.

Tornou-se o primeiro superior provincial da Província Ocidental do Instituto, aos 6 de janeiro de 1909. Em seguida, foi eleito Assistente Geral aos 7 de maio de 1913. Concomitantemente às responsabilidades que lhe foram dadas na Congregação, o Servo de Deus também desenvolveu um amplo ministério apostólico com a pregação, os escritos e a direção espiritual. Seu impulso pastoral era acompanhado por uma extraordinária vida de oração, especialmente de intensa adoração eucarística, e de uma fervorosa devoção mariana. Privilegiou aqueles que, com fraterna ternura, habitualmente chamava de “pobres padres”. A eles dedicava, sem reservas, as suas mais delicadas e insistentes preocupações.

Consumido por sua generosa doação e por seus indizíveis sofrimentos interiores, acolhidos e vividos no espírito de sua convicta vocação e missão de “Padre Vítima do Sagrado Coração”, morreu a Brugelette (diocese de Tournai), na Bélgica, aos 26 de novembro de 1913. Padre Dehon escreveria logo depois uma carta circular à sua Congregação com um título eloquente: “O nosso Santo morreu!”.

A fama de santidade que o Servo de Deus tinha já em vida fez-se mais evidente na sua morte: “Todos os que conheceram P. André – escreveria Padre Dehon na circular que comunicava a sua morte – dizem unânimes: era um santo. Bispos, sacerdotes, religiosos, superiores de



comunidade o repetem”. E, Leão Dehon, em 1918, declarava: “é necessário pensar num futuro processo de beatificação do P. André”. À morte do Fundador, Padre Dehon, em 1925, alguns problemas que ocupavam internamente a sua Congregação, junto com as perturbações trazidas pelas duas guerras mundiais da primeira metade do século XX, impediram a organização da Postulação geral do Instituto na promoção da Causa. Somente em 1946 o terceiro sucessor de Padre Dehon, o holandês P. Wilhelmus T. Govaart, que tinha sido noviço do Servo de Deus em Sittard, pôde encarregar um religioso, P. Julien Jacques, de preparar a documentação necessária em vista do processo canônico para a canonização de P. André Prévot.

Assim, nos anos 1956-1958, foi instruído o Processo Informativo. Entregues os *Transunti* à Congregação dos Ritos e obtido o decreto de aprovação dos escritos aos 4 de março de 1965, foi preparada a *Positio super Causae Introductione* e apresentada em 1973 à Congregação para as Causas dos Santos. Aos 13 de abril de 1978, foi introduzida a Causa, ou seja, foi reconhecida a fama de santidade com o título de Servo de Deus. Intervindo a reforma de 25 de janeiro de 1983, a Causa de P. André retomou seu caminho seguindo o novo procedimento canônico. A nova *Positio super vita et virtutibus ac fama santitatis* foi entregue em 1996 à Congregação para as Causas dos Santos.



Durante toda a sua vida religiosa, P. André Prévot realizou plenamente o ideal de uma alma inteiramente consagrada ao amor do Sagrado Coração de Jesus e à reparação. Praticava a mortificação em tudo; amava a vida interior e a oração contínua e era animado por um ardente zelo pela salvação eterna das almas. A sua fervorosa devoção à santa Eucaristia o fazia permanecer horas inteiras imóvel aos pés do Tabernáculo e, a cada noite, permanecia longamente prostrado no piso da igreja. Habitual era sua união com Deus. A total abnegação de si e a grande austeridade de vida se harmonizavam

nele com um fundo inexaurível de caridade, de paciência, de doçura e de bondade. Em todas as páginas de seus livros, especialmente em "Amor, Paz e Alegria" e em "O Ano com Maria", transbordam toda sua fisionomia espiritual, humilde, serena e confiante.

Dos numerosos escritos se pode colher a chave de toda sua vida: uma vítima pura, pronta à vontade de Deus – "*Ecce Venio*" – e sempre com muito amor e imolação no serviço de Deus e dos homens. Basta, para se ter uma ideia, ler a página sobre a medida da caridade, seu objetivo focal de vida:

Em todas as circunstâncias da minha vida

Procurarei dizer a mim mesmo:

É preciso fazer transbordar a caridade.

Se o amor-próprio me disser:

É preciso defender os meus direitos, responderei:

É preciso fazer transbordar a caridade.

Se a indolência me disser: preciso de repouso, responderei:

É preciso fazer transbordar a caridade.

Se a prudência humana me disser: É preciso poupar-me

para não perder a saúde, responderei:

É preciso fazer transbordar a caridade.

Se estiver abatido, deprimido, cansado, direi ainda a mim mesmo:

Coragem! É preciso fazer transbordar a caridade.

Por mim, quando precisar de ajuda, de conselho,

de correção, de consolação ou talvez de perdão ou de socorro,

para o corpo ou para a alma, para mim ou para os meus irmãos, irei ter com Jesus e direi:

"Bom Mestre, Tu prometeste retribuir com a mesma medida:

É preciso que também Tu, agora, faças transbordar a caridade!". Amém.

